O desastre de Lisboa em 1755: poesia

Augusto de Oliveira Cardoso Fonseca

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

O desastre de Lisboa em 1755: poesia

Augusto de Oliveira Cardoso Fonseca

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano

CENTENARIO DO MARQUEZ DE POMBAL

8 DE MAIO DE 1882

O DESASTRE DE LISBOA

EM 1755

POESIA

POR

A. d'Oliveira Cardoso Fonseca

LISBOA

TYPOGRAPHIA CASTRO IRMÃO

31 Rua da Cruz de Pau 31

1882

O DESASTRE DE LISBOA

TIRAGEM ESPECIAL

30 exemplares numerados

Em papel Japão, n.ºs 1 a 12..... 1$200

Em papel Whatman, n.ºs 13 a 30..... $600

CENTENARIO DO MARQUEZ DE POMBAL

8 DE MAIO DE 1882

O DESASTRE DE LISBOA

EM 1755

POESIA

POR

A. d'Oliveira Cardoso Fonseca

LISBOA

TYPOGRAPHIA CASTRO IRMÃO

31 Rua da Cruz de Pau 31

1882

.....contempléz ces ruines affreuses, _Ces débris, ces lambeaux, ces cendres malheureuses,_ _Ces femmes, ces enfants, l'un

sur l'autre entassés_ _Sous ses marbres rompus, ses membres dispersés._

VOLTAIRE, _Poëme sur le desastre de Lisbonne._

O DESASTRE DE LISBOA

I

Tornou-se escuro o céu, sol não se via;
Medonha tempestade se formava;
O solo, se gretando, estremecia
E n'um abysmo grande se tornava!
Lisboa nunca viu tão triste dia;
Perdida toda a gente se julgava;
As casas, sacudidas, oscilavam
E pelo gran' tremor se esmoronavam!

II

O cataclismo nada respeitava;
Palacios, templos, casas destruia,
E nos tristes destroços abysmava
Os miseros que n'elles envolvia.
Uma desgraça tal ninguem poupava
Á grande mortandade, que fazia:
E sob as cantarias deslocadas
As gentes expiravam sepultadas.

III

Em mui breves momentos... a cidade
O mais lugubre quadro apresentava.
Os habitantes, cheios d'anciedade
Que tamanho terror lhes inspirava
E de Deus supplicando, em vão, piedade,
Fugiam para a rua, onde reinava
Na triste, apavorada multidão
A mais indiscriptivel confusão.

IV

Abandonando as casas procuravam
Immersos não ficarem nas ruinas:
Mas, aquelles que d'ellas escapavam,
Sob o ferro das gentes assassinas,
Que d'essa confusão se aproveitavam,
Nas ruas saqueando--almas ferinas!--,
Succumbiram;--que o ferro lhes tirava
Vida, que o terremoto respeitava.

V

E, qual mimosa flor desabrochada
Que cuidadoso trata o jardineiro
Por aspero tufão sendo açoutada
Barbaramente, perde a côr e o cheiro,

E sobre a tenra haste já quebrada
Vai definhando, e morre no canteiro;
Assim as creancinhas, que perdidas
Das mães estavam, eram consumidas.

VI

E, como se uma tal desolação
A flagello das gentes não bastasse,
Bandidos houve que com impia mão
E para que o terror se accrescentasse
N'esta já desditosa occasião,
Um incendio atearam que queimasse,
Nas devorantes chammas que nutriam,
As casas que aos abalos resistiam.

VII

Que perversos instinctos, vis, horriveis
Alimentavam peitos tão malvados!...
Esses torpes facinoras, temiveis,
Dos negros calabouços escapados;
Do infortunio ás vozes insensiveis,
Sem dó nem compaixão dos desgraçados,
Que attonitos nas ruas encontravam,
Os mais horrendos crimes practicavam.

VIII

Esses profugos, todos criminosos
E talvez nas masmorras pervertidos;
Homicidas, ladrões industriosos
Que não estão do vicio inda esquecidos;
D'entre ferros sahindo furiosos,
Por toda a parte correm atrevidos,
O terror augmentando na cidade
Que entregue fica á sua impiedade.

IX

Dos destroços que as ruas impediam,
E centos de cadaveres juncavam,
Dilacerantes gritos se partiam
Dos feridos que n'elles se encontravam,
E lugubres gemidos se sentiam
Dos que em terriveis ancias expiravam!
Outros emfim, correndo desesp'rados,
Ao Tejo se lançavam. Malfadados!...

X

Mas de repente um vulto grandioso,
De excessivo talento e arrojado,
Da patria pelo amor tão orgulhoso,
Por tantas vezes já por si mostrado;
Tantas victimas vendo, pressuroso
Tratou de castigar tanto malvado,

E com duras medidas que adoptou
O negro vandalismo terminou;

XI

E, com essa energia portentosa
De que dotado foi tão largamente,
O estadista de fama gloriosa
Que á patria lembrará eternamente,
A do Tejo rainha tão formosa
Reedificar consegue brevemente.
--E qual flor escapada ao vendaval
Altiva se ergue a linda capital!

XII

Salve, MARQUEZ, a quem Pombal foi berço,
Mais tarde exilio, tumulo na morte!
Do sepulchro em que ha tanto estás immerso
Julgo ver-te surgir altivo e forte:
E, Portugal mostrando ao universo,
Dizeres:--«Eil-a! A patria... foi meu norte;
Hoje, reliquia de passadas glorias,
Como outr'ora não conta já victorias!»

XIII

Após cem annos de teu somno infindo

Esquecido não é teu genio ingente.
Da historia nossa as paginas abrindo,
Aonde a gloria tua é tão patente,
Haverá portuguez que, amor sentindo
P'la patria cara, outr'ora tão fulgente,
Penhorado não lembre o que fizeste
A Portugal que tanto enobreceste?!

XIV

O que importa o dormir da sepultura
Após a vida á patria dedicada,
Se do tempo ou da morte a lima dura
Gastar não póde a gloria conquistada,
Que pela mesma morte já está pura
Se no exilio não foi purificada?!
Festejai portuguezes esse vulto
A quem devemos todos prestar culto!

XV

Eis que chega o momento em que a nação
Outr'ora tanto d'outras invejada,
E que esquecer não sabe a gratidão
Áquelle por quem foi tão levantada,
Tributa cordeal veneração,
De nobres sentimentos animada,
Ao estadista que a _nenhum respeito_
O proprio reino qu'ria ver sujeito.

XVI

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com